

Análise



ESTUDO "ONE CENTURY OF ANGOLAN DIAMONDS"

Angola precisa vencer desafios no sector dos diamantes

A indústria continua a enfrentar a falta de serviços de apoio, nomeadamente de empresas especializadas em sondagens, serviços de topografia e laboratório

UM ESTUDO intitulado "One century of Angolan diamonds" ("Um século de diamantes angolanos", em português), lançado na última semana e noticiado pelo Mining Weekly, refere que a indústria de diamantes, centenária em Angola, tem um "enorme" potencial de crescimento mas necessita ainda de desenvolver as infraestruturas de transporte e serviços de apoio às empresas de mineração que operam no mercado, além de tornar mais acessível os dados geológicos do país.

O estudo, elaborado pela empresa portuguesa Sinesse em parceria com a Eaglestone, uma plataforma financeira de investimentos da África Subsahariana, afirma que Angola é o quarto maior produtor mundial de diamantes em valor e o sexto em volume, encontrando-se o governo empenhado em impulsionar este sector onde existem poucas empresas a realizar prospecções.

"O país é dotado quer de kimberlitos, quer de depósitos aluvionares, muitos ainda por explorar" de acordo com os técnicos em geologia da Sinesse e os consultores da Eaglestone.

"Existem provavelmente muitos mais depósitos de diamantes por descobrir e explorar num território com enorme potencial", acreditam os autores do estudo.

A indústria de diamantes em Angola, que começou há 100 anos sob o domínio colonial português, é dominada pela mina de Catoca, o quarto produtor mundial, responsável por cerca de três quartos dos diamantes extraídos no país.

A crise financeira mundial, em 2008, atingiu duramente o sector diamantífero em Angola levando ao encerramento de várias minas e provocando um decréscimo de produção. Segundo o estudo, o sector ainda não recuperou os níveis anteriores à crise. Em 2011, o governo introduziu um novo código minei-

ro com a intenção de promoção da exploração de diamantes e outros minerais, ajudando a diversificar uma economia que depende fortemente do petróleo.

O estudo considera que o código foi um passo na direcção certa para o desenvolvimento desta indústria mas salienta que é ainda necessário desenvolver melhores ligações/transportes confiáveis além de disponibilizar ao público dados geológicos, à semelhança do que acontece no Brasil e no Canadá.

De acordo com o estudo, outro grande desafio no desenvolvimento desta indústria é a falta de serviços de apoio, nomeadamente de empresas especializadas em sondagens, serviços de topografia e laboratório.

Na última semana, o Governo, através do Instituto Geológico de Angola, assinou vários contratos para a execução do Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO).

O objectivo é, no prazo de cinco

anos, se concluir o cadastro e mapas completos sobre os recursos minerais existentes, criando um instrumento que vai permitir a Angola conhecer o potencial mineiro do país, determinar o que existe, em que quantidades e onde.

Posteriormente, essa informação será disponibilizada, conforme as regras do mercado, a potenciais investidores privados, nacionais e estrangeiros.

Os contratos foram assinados com as empresas chinesa CITIC, a brasileira Costa Negócios/Topocart e a espanhola Impulso, que integra o Laboratório Nacional de Engenharia e Geologia de Portugal e o seu congénere de Espanha.

A escolha destas empresas e instituições foi feita em concurso internacional e a área total de intervenção corresponde à totalidade da superfície do país, à excepção de Cabinda: 1.238.877 quilómetros quadrados.